**Resumo de texto referente ao livro *A Agricultura Familiar* de Hugues Lamarche**LES380 - Agricultura familiar, desenvolvimento rural e multifuncionalidade da agricultura

*Giovanna Siena  
Felipe Chinen*

Em todos os países onde um mercado organiza as trocas, a produção agrícola é assegurada por explorações familiares, em maior ou menor escala. Hugues Lamarche, autor do texto de nosso interesse, tem como objeto sociológico de estudo a exploração familiar, que é aquela na qual a família participa da produção. A partir de situações particulares, vinculadas à história e a contextos socioeconômicos e políticos diferentes, o autor observa a enorme capacidade de adaptação da agricultura familiar, ora integrada à economia de mercado como ponta-de-lança do desenvolvimento, ora fundada essencialmente sobre uma economia de subsistência, ora mantida como única forma social de produção capaz de satisfazer as necessidades essenciais da sociedade como um todo. Por vezes, ela é desacreditada e, por esta razão, é excluída do desenvolvimento, com alto custo social. Esta heterogeneidade reflete, portanto, os diferentes perfis do que pode ser considerado como agricultura familiar.

Devido a sua presença ao redor do globo, a exploração familiar recebe atenção e enfrenta novos desafios impostos tanto pela recente abertura de países do leste europeu à economia de mercado, quanto pela estagnação e recessão do desenvolvimento nos países do terceiro mundo. Esta atenção se explica também pela constatação de limites dos dois grandes modelos de referência que dominaram a agricultura mundial: o modelo socialista e o modelo produtivista nos países capitalistas. Neste quadro de incertezas, o autor depara-se com o problema da definição da agricultura familiar. Ao invés de escolher entre uma definição precisa e, assim, forçosamente restritiva, H. Lamarche optou por um esquema de análise que, embora amplo, permite delimitar seu objeto de estudo. Daí concluiu que a exploração familiar *“corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família”*. A interdependência entre propriedade, trabalho e família no funcionamento da exploração gera, necessariamente, a discussão de noções mais abstratas e complexas, tais como a transmissão do patrimônio e a reprodução da exploração.

Embora comumente confundidas, exploração familiar e exploração camponesa não são a mesma coisa. Tchayanov define a exploração camponesa a partir dos seguintes princípios: as necessidades de consumo e organização da produção estão inter-relacionadas; o trabalho não pode ser avaliado em termos de lucro, visto que o custo objetivo do trabalho familiar é intangível; e, finalmente, os objetivos da produção não são os de produzir valores de troca, mas sim valores de uso. Posteriormente, H. Mendras retoma a exploração camponesa e acrescenta à análise o tipo ideal de sociedade camponesa caracterizada pela sua autonomia relativa, pela importância estrutural do grupo doméstico, pelo sistema econômico de autarquia relativa, pelos seus inter-relacionamentos e pela função decisiva das personalidades de prestígio encarregadas de estabelecer uma relação entre a sociedade local e a sociedade em geral. Assim, estas características em torno da sociedade camponesa, na abordagem de Mendras, são inteiramente transponíveis para as unidades de produção agrícola que a estruturam a exploração camponesa, que é certamente familiar. Porém, como nem todas as formas de explorações familiares podem ser compreendidas em um único modelo, concluí-se que nem todas as explorações familiares são camponesas. Outro tipo de exploração familiar, por exemplo, é a exploração familiar colonial, como na Tunísia na região de Zaghouan.

A heterogeneidade entre explorações familiares se refere à sua constituição em grupos sociais limitados que têm em comum associar estreitamente a família e produção, mas que se distinguem uns dos outros por sua capacidade de se apropriar de forma específica dos meios de produção e desenvolvê-los. A mecanização e a técnica, por exemplo, são fatores que revelam a capacidade de adaptação e de reprodução dentro de um mesmo tipo de exploração. Desse modo, a exploração familiar contém nela mesma toda essa diversidade. Em outras palavras, toda exploração familiar se define ao mesmo tempo em um modelo de funcionamento e em uma classe social no interior desse modelo.

A reflexão de Lamarche acerca de exploração familiar se organiza em torno de um eixo definido pelo grau de integração na economia de mercado. Esta integração é concebida em seu sentido mais absoluto, isto é, tanto no plano sociocultural quanto no técnico-econômico. Torna-se evidente, assim, uma relação com a sociedade de consumo, um determinado modo de vida e de representação. O autor também admite que todo agente explorador familiar organiza estratégias e toma decisões orientado pelo projeto que determinou para o seu futuro, a este projeto denomina-se “Modelo Ideal”. Além disso, todo explorador refere-se, de forma consciente ou não, a um modelo anterior ao que se encontra, ao qual denomina-se “Modelo Original”. Desta maneira, é possível traçar um eixo escalonado segundo o grau de integração no mercado, em cujas extremindades se encontram de um lado, o "Modelo Original" e, de outro, o "Modelo Ideal". As explorações familiares se posicionariam, por sua vez, em determinado lugar da escala devido sua história e ambiente específico. Ainda neste esquema, pode-se inferir um ponto situado antes ao modelo original, pressupondo um tipo quase independente da sociedade Global. Este ponto denomina-se "Modelo Selvagem", ou então "Modelo Tribal" - no sentido redfieldiano do termo. Sobre uma perspectiva diferente, esse eixo corresponde também aos respectivos níveis de influência sobre o funcionamento das explorações, estando de um lado o patrimônio sociocultural que cada explorador e sua família dispõem e, de outro, as escolhas políticas que lhes dizem respeito, efetuadas pela sociedade global. O funcionamento da exploração familiar deve ser analisado dentro dessa dinâmica em que se encontram a tradição do passado e a ambição por um futuro materializado. Portanto, as chances de atingir o "Modelo Ideal", ou simplesmente de se aproximar dele, dependem da complementaridade do projeto de exploração, associado ao que a sociedade elaborou para a agricultura. Este eixo, porém, não pode ser assimilado como um trajeto orientado de um ponto de partida para um ponto de chegada, pressupondo uma evolução obrigatória da exploração familiar.

A análise completa-se com duas noções: a de bloqueio (em que não é permitida a prática de estratégias tendo em vista o "Modelo Ideal") e a de ruptura (situação de acúmulo de bloqueios, correspondendo a um antagonismo profundo para se alcançar o modelo esperado, o leva a pensar que não sendo mais viável o acesso ao "Modelo Ideal", a única saída possível é o desaparecimento da exploração). A partir daí, é possível observar diferenças e avaliar as capacidades de adaptação das diversas formas de exploração familiar. Explorações familiares que se mantiveram em seus lugares de origem souberam e puderam se adaptar às exigências impostas por situações novas, como as instabilidades climáticas, a coletivização de terras ou a mutação sociocultural determinada pela economia de mercado. Desta forma, o autor formula a hipótese de que, nas sociedades dominadas pela economia de mercado, quanto mais a exploração estiver próxima dos modelos extremos, menos ela poderá acomodar as restrições ou crises e, por isso, mais dificuldades teria de assegurar sua reprodução. Conclui-se, então, que a exploração familiar é ao mesmo tempo *uma memória, uma situação, uma ambição e um desafio.*